

# A CIRCULAÇÃO DE TRADUÇÕES FRANCESAS NO RIO DE JANEIRO (1860-1865)<sup>1</sup>

Julio Cesar Modenez<sup>2</sup>

## Resumo

Romances de diversas partes do globo circulavam no Brasil oitocentista, especialmente traduções de títulos de origem francesa. Nas ruas cariocas, as estantes das livrarias eram repletas de obras que permaneciam no gosto do público por muito tempo, mas também das últimas novidades de Paris. No centro desse intercâmbio cultural, destaca-se a presença dos livreiros e editores, profissionais que possibilitavam a circulação desses impressos entre os continentes, sempre atentos aos gostos do público leitor. O principal deles era Baptiste Louis Garnier, francês que mantinha seu comércio no Rio de Janeiro, sempre em contato com o pulsante mercado cultural parisiense, onde atuavam seus irmãos, também profissionais do livro. Esta comunicação oral, vinculada ao projeto temático FAPESP “*A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*”, utiliza como fonte os catálogos de livreiros encontrados no interior de livros do acervo digital da Brasileira Guita e José Mindlin, entre 1860 e 1865, editados por Garnier. Esse tipo de publicidade consistia no emprego de folhas não utilizadas para a impressão do texto principal, no início ou no final do livro, para publicação de listas de títulos à venda. Tomando essas listas como base, identificamos os romances franceses anunciados e a atualidade dessas obras, a partir da diferença entre a primeira publicação na França e a primeira aparição nos catálogos do *corpus* pesquisado. Assim, propomos um panorama da circulação de romances franceses no Rio de Janeiro na primeira metade dos anos 1860.

Palavras-chave: Romances; Traduções; França; B. L. Garnier

## 1. RELAÇÕES TRANSATLÂNTICAS ENTRE BRASIL E FRANÇA

A globalização não pode ser considerada uma criação do século XX.<sup>3</sup> Nos Oitocentos, as relações culturais entre os países já eram abrangentes e dinâmicas, formando uma espécie de comunidade letrada internacional que considerava Paris como uma espécie de capital cultural e, portanto, literária.<sup>4</sup> A metrópole francesa, alcunhada por Pascale Casanova como a “cidade-literatura”, representava o local de consagração literária, cujo

---

<sup>1</sup> Trabalho de mestrado orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Azevedo de Abreu.

<sup>2</sup> Mestrando IEL/UNICAMP - CAPES

<sup>3</sup> ABREU, Márcia. *A circulação Transatlântica dos Impressos*. In: *Livro-Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, p. 115-127, v.1, n.1, São Paulo:2011.

<sup>4</sup> CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 40.

prestígio e reconhecimento possibilitavam a livros e escritores uma espécie de desnacionalização e universalização.<sup>5</sup>

O Brasil é também membro ativo dessa comunidade letrada internacional. O Rio de Janeiro, primeiro como capital do Império Português e, após 1822, do Império do Brasil, era o centro cultural do país. A cidade abrigava representantes do luxo europeu,<sup>6</sup> as duas principais livrarias do período, a Garnier e a Laemmert, e estabelecimentos comerciais que vendiam inúmeros materiais, incluindo livros.

Nesse contexto de forte intercâmbio cultural entre os países, destaca-se a figura dos *passeurs culturels*, mediadores culturais que favoreciam o contato entre diferentes grupos e locais. Trata-se de viajantes, tradutores, escritores, livreiros e tantos outros profissionais, cujas atividades possibilitavam aos impressos alcançar os mais remotos destinos no mundo.<sup>7</sup> Dentre esses membros da comunidade leitora internacional, os editores e livreiros são personagens de suma importância.

No Brasil e, em muitos casos, na França, as figuras do editor e do livreiro se mantiveram unidas no decorrer dos Oitocentos.<sup>8</sup> Esses homens, doravante chamados “livreiros-editores”, podiam possuir uma oficina ou ateliê, prensas, tipos e outros instrumentos necessários para a atividade tipográfica, ou recorrer a tipografias de terceiros para produzir os livros que desejavam. Além disso, contavam com uma loja de livros, onde estabeleciam contatos com representantes do poder e outros clientes e, ao mesmo tempo, acompanhavam as tendências do mercado.

No Brasil, destaca-se a figura de Baptiste Louis Garnier. O francês, que possuía seu estabelecimento situado à Rua do Ouvidor, número 69, é apontado como um dos mais importantes livreiros-editores do século XIX no Brasil. Um dos sócios da livraria parisiense Garnier Frères juntamente com seus dois irmãos, Hippolyte e Auguste, chegou ao Brasil por volta dos anos 1830.<sup>9</sup> Garnier importou para o Brasil o modelo francês de editor e, por isso, prezava pela qualidade de seus impressos, atraindo para sua

---

<sup>5</sup> Idem, p. 162.

<sup>6</sup> HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua História*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985, p. 79.

<sup>7</sup> COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves & SILEM, Ahmed. *Passeurs culturels dans le monde des médias et de l'édition en Europe (XIX-XX<sup>e</sup> siècles)*. Lyon: Presses de l'ENSSIB, 2005.

<sup>8</sup> BRAGANÇA, Aníbal. “Uma introdução à história editorial brasileira”, in *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. XIV, II série, 2002, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), p. 64.

<sup>9</sup> GRANJA, Lucia. *Garnier no Brasil: esta história se faz com homens e livros*. Trabalho apresentado ao Colóquio “A circulação transnacional dos impressos – Conexões”, USP.

casa editorial muitos escritores do período e investindo em estratégias de venda e de colocação no mercado brasileiro.<sup>10</sup>

A sua parceria com os irmãos franceses favorecia o comércio transatlântico de impressos, criando uma verdadeira rede livreira internacional<sup>11</sup> que permitia a formação de um acervo amplo e eclético capaz de atender aos diversos gostos da população alfabetizada. Seus títulos eram frequentemente divulgados por meio de anúncios em periódicos e catálogos.<sup>12</sup>

A venda de impressos por meio de catálogos é uma prática que remonta ao início do comércio livreiro da Idade Moderna e que persiste até os dias de hoje.<sup>13</sup> No século XIX, os catálogos de livreiros compunham-se de uma brochura que apresentava o acervo (parcial ou integral) de cada livraria e, na maioria das vezes, eram distribuídos gratuitamente no estabelecimento ou enviados mediante pedidos aos clientes.<sup>14</sup> Além desses cadernos, costumava-se também publicar catálogos no interior dos livros. Geralmente, os livreiros aproveitavam as folhas de rosto e contracapa dos seus impressos para inserir pequenos catálogos ou listas de obras à venda em suas livrarias. Essa tática permitia usar todo o papel de impressão, o que não deixava folhas em branco e, por acréscimo, servia como mais uma estratégia de publicidade.<sup>15</sup>

Os catálogos, assim, se configuram como importantes fontes primárias, não apenas por dar a conhecer os livros em circulação, mas também as características do mercado editorial e a ação dos livreiros-editores no período. Eliana Dutra afirma que a importância dos catálogos como objeto de estudo é vasta: “os catálogos, com sua linguagem silenciosa, levam-nos a percorrer meandros sutis de tantas mudanças e a sugerir os interesses de leitura dos presumidos leitores”.<sup>16</sup>

---

<sup>10</sup> GRANJA, Lúcia. *Rio - Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira chez Garnier*. Letras (UFMS), v. 47, p. 4.

<sup>11</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil*. In: ABREU, Márcia e BRAGANÇA Aníbal (orgs.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p.70.

<sup>12</sup> QUEIROZ, Juliana Maia. *Em busca de romances: um passeio por um catálogo da Livraria Garnier*. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado das Leras, 2008, p. 200-201.

<sup>13</sup> DEAECTO, Marisa Midori. *O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo, SP: Editora da USP, p. 304.

<sup>14</sup> DEAECTO, Marisa Midori, op. cit., p. 304.

<sup>15</sup> MODENEZ, Julio Cesar. *Por dentro dos livros: a presença de romances em catálogos de livreiros brasileiros (1843-1865)*. Monografia a ser apresentada ao Instituto de Estudos de Linguagem/Unicamp, 2013.

<sup>16</sup> DUTRA, Eliana de Freitas, op. cit., p. 72.

Além disso, os catálogos indicam muito mais do que simplesmente os livros em circulação no período, conforme aponta Jean-Yves Mollier:

(...) a composição do catálogo de uma casa editora ou a escolha dos títulos que entram em uma coleção não resultam unicamente das políticas editoriais ou das estratégias empregadas pelos *editors*. Eles podem mesmo ser ditados, ou simplesmente sugeridos pelo poder público, as igrejas, se elas tiverem a capacidade, outras forças mais ou menos discretas (...) <sup>17</sup>

Desse modo, os catálogos se configuram como importantes fontes primárias, não apenas por dar a conhecer os livros em circulação, mas também as características do mercado editorial e a ação dos livreiros-editores no período. Entretanto, um dos grandes problemas para a pesquisa em catálogos é sua escassa conservação. No Brasil, este problema foi superado com a digitalização e disponibilização, na Internet, de obras do século XIX, entre as quais se destaca a iniciativa realizada pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, que permitiu o acesso a muitos catálogos inseridos no interior de livros e, com isso, a formação de um *corpus* volumoso.

No período entre 1860 e 1865, que esta comunicação compreende, foram encontrados 11 catálogos distintos de obras à venda na Livraria Garnier dentro de livros editados pelo mesmo Garnier, o que bem demonstra a dupla função do profissional. Todos os livros foram encontrados no acervo digitalizado da Brasileira.

Um passeio por essas listas de obras revela uma vasta gama de romances anunciados. De brochuras simples a encadernações luxuosas, nos mais variados preços e formatos, é possível traçar um panorama do que circulava no Rio de Janeiro no período. Para esta apresentação, focaremos nos romances franceses encontrados.

## 2. A ANÁLISE DOS CATÁLOGOS

No primeiro catálogo de 1860,<sup>18</sup> os romances aparecem sob a rubrica “Livros de educação, clássicos, de instrução, recreio da mocidade, etc., etc.” e são acompanhados, sobretudo, de livros didáticos. As obras romanescas francesas são quase todas voltadas

---

<sup>17</sup> “(...) la composition du catalogue d’une maison d’édition ou le choix des titres entrant dans une collection ne relèvent pas uniquement des politiques éditoriales ou des stratégies mises en place par les editors. Ils peuvent en effet être dictés, ou simplement suggérés, par le pouvoir politique, les Eglises si elles en ont la capacité, d’autres forces plus ou moins discrètes.” In: MOLLIER, Jean-Yves. *Sources et méthodes en histoire du livre, de l’édition et de la lecture*. Trabalho apresentado à Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX, UNICAMP, 2012, p. 12-13.

<sup>18</sup> ROCHA, Justiniano José da. *Compendio de historia universal (Volume 02 : Da Idade Media)*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1860. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01397720#page/1/mode/1up>>, acesso em 10/11/2013.

à instrução de crianças e jovens e escolares, como *Aventuras de Telêmaco*. Observamos ainda que muitos dos títulos são acompanhados de pequenos comentários, indicando sua utilidade. Por exemplo, no anúncio do romance *O menino perdido*, o catálogo é bem específico: “Romance instructivo, civil e christão, engenhosamente escripto em estilo familiar, e acomodado a todas as intelligencias, para servir de Compendio de boa educação”.<sup>19</sup>

A utilização do romance como instrução e objeto de estudo nas escolas demonstra que ainda era necessário associá-lo a uma utilidade, já que o entretenimento não era considerado função respeitável da leitura, e a forma do gênero romanesco não respeitava as regras clássicas.<sup>20</sup> Há ainda, nesse extrato, o destaque para o aspecto religioso, que à época era intrínseco à boa educação.

Posteriormente, o romance passou a contar com uma seção própria: em lista de 1864, os títulos romanescos vêm abaixo do cabeçalho *Romances, novellas, etc.* Dos 55 romances, 21 são franceses, de 16 diferentes autores, com destaque a Dumas (3 títulos) e Sue (4 títulos)

Há também catálogos mais curtos, publicados geralmente nas folhas não utilizadas para impressão da obra, e que geralmente trazem romances franceses. O gênero pode aparecer junto a outros tipos de livros, como no catálogo da Garnier de 1865,<sup>21</sup> intitulado “*Livros à venda na Livraria Garnier*” que lista, além de 3 romances, relatos de viagem, coleção de cartas, livros de história e dicionários, totalizando 17 títulos diferentes. O romance aparece com exclusividade no catálogo de 1865 intitulado “*Romances diversos*”,<sup>22</sup> que conta com 15 títulos de vários autores, dentre os quais 8 franceses.

No total, quase 51% dos romances anunciados nos catálogos do *corpus* foram escritos, originalmente, em língua francesa. Mas nenhum deles é anunciado na língua original, aparecendo todos em tradução para o português.

Percebemos a forte presença dos grandes romancistas Alexandre Dumas e Eugène Sue. Esses escritores são marcos do seu tempo, tendo escrito diversos romances,

---

<sup>19</sup> ROCHA, Justiniano José da, op. cit.

<sup>20</sup> ABREU, Márcia. *A leitura das belas-letas*. In: \_\_\_\_\_. *Os caminhos dos livros*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003, p. 198.

<sup>21</sup> ALENCAR, José. *As minas de prata* (Volume 3). Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1865. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00546130#page/1/mode/1up>>, acesso em 10/11/2013.

<sup>22</sup> ALENCAR, José. *As minas de prata* (Volume 2). Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1865. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00546120#page/2/mode/1up>>, acesso em 10/11/2013.

em folhetins e em livros, sendo expoentes do que era conhecido como “literatura industrial”. Seu sucesso não se restringiu ao seu território de origem, mas cruzou o Atlântico para figurar nos anúncios brasileiros.

Além de se destacar no conjunto dos catálogos, os autores franceses estão presentes naqueles que são organizados por autor. Além de Dumas e Sué, Frederic Soulié, Emile Souvestre, P. Cosper e Paul Féval apresentam essa nuance.

Notamos também que nomes hoje canonizados do romance francês, como Honoré de Balzac e Victor Hugo, não apresentam mais de uma aparição. São os criticados autores pela ânsia em ganhar dinheiro, muitos dos quais esquecidos pelas histórias literárias, que dominam os catálogos brasileiros.

O Brasil dos Oitocentos foi, de fato, um grande receptor de romances franceses. Porém, os catálogos primam pela novidade ou, ao contrário, anunciam obras há muito em circulação? Para responder a essa pergunta, analisamos a datação dos romances anunciados, calculada pela diferença entre o ano de publicação do catálogo e a primeira edição na França. Assim, dividimos os romances em três categorias: longa duração (diferença de 50 anos ou mais), média duração (diferença entre 25 e 50 anos) e de atualidade (diferença de menos de 25 anos).

Percebemos que o público leitor Oitocentista carioca frequentemente recorria aos “velhos amores” do passado, sobretudo com obras portuguesas. Entretanto, dentre os romances de longa duração, pouquíssimos são franceses. Destacamos, nesse caso, as *Aventuras de Gil Braz*, de Alain René Lesage, publicado entre 1715 e 1747; *Aventuras de Telêmaco*, de François Fenélon, trazido à luz em 1699; e *Paulo e Virgínia*, de Bernadin de Saint-Pierre, lançado em 1788. Esses “sucessos de longa duração” franceses não são exclusivos do Brasil. Na França da primeira metade do século XIX, de acordo com a pesquisa de Lyons<sup>23</sup>, as tiragens mínimas de *Aventuras de Telêmaco*, *Paulo e Virginia* e *História de Gil Blaz* alcançam, respectivamente, 258.700, 103.500 e

---

<sup>23</sup> LYONS, Martyn. *Les best-sellers*. In: CHARTIER, Roger & MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l'édition française*. Paris: Fayard / Promodis apud ABREU, Márcia. *A circulação de romances como problema para a história literária*. Trabalho apresentado à Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX, UNICAMP, 2012.

70.600 exemplares e 112, 45, 20 edições.<sup>24</sup> Os gostos brasileiro e francês, vistos por essa perspectiva, se assemelham.

Dentre os romances de média duração, os destaques são os escritores Alexandre Dumas, Eugène Sue e Frédéric Soulié. Os dois primeiros, juntamente com Hugo e Scott, segundo Martyn Lyons, “dominaram a edição durante duas ou três décadas e contribuíram largamente para o ‘triumfo do livro’”.<sup>25</sup> Entretanto, segundo Abreu, “só tiveram importância numérica no Rio de Janeiro as obras dos autores traduzidos para o português – Sue e Dumas – o que mostra a relevância da edição em língua portuguesa para a difusão mundial dos romances”.<sup>26</sup>

De fato, tal conjuntura pôde ser observada nos catálogos de livreiros. Se na França Hugo e Scott também eram dominantes, no Brasil apenas Sue e Dumas, dos autores citados por Lyons, aparecem com relevância. A presença da tradução é um fator preponderante, visto que todos os romances estrangeiros encontrados no *corpus* desta pesquisa são anunciados por meio de traduções.

Esses sucessos brasileiros também são recorrentes na França, onde a tiragem de Dumas e Sue, conforme aponta Lyons, também se destaca.<sup>27</sup> Mais uma vez, os gostos de leitura francesa e brasileira se equiparam.

Dentre os romances de atualidade destaca-se o francês *O diamante do comendador*, de Pierre Alexis de Ponson du Terrail, com a primeira edição datada de 1865 e anunciado no mesmo ano de seu lançamento, o que é bastante surpreendente, tendo em vista que a narrativa francesa precisou ser traduzida antes de chegar ao Brasil.

Alexandre Dumas, o escritor do século, continua em voga nesse quesito. Além da forte presença dos seus romances mais antigos, os lançamentos também vigoram nos catálogos do Brasil. *Memórias de Garibaldi* e *A casa de gelo*, de 1860, figuram à venda, pela Garnier, em 1865, apenas 5 anos depois da sua publicação na França. Eugène Sue, no mesmo ritmo, tem seu romance *Os segredos do travesseiro*, de 1858, anunciado também em 1865.

---

<sup>24</sup> Conforme dados cadastrados no Banco de Dados do Projeto “*A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*” e encontrados no World Catalog ([www.worldcat.org](http://www.worldcat.org))

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> ABREU, Márcia, *A circulação de romances como problema para a história literária*. Trabalho apresentado à Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX, UNICAMP, 2012, p. 15.

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*.

Outros franceses também pertencem a essa movimentada ponte marítima. Nos catálogos de 1865 da Livraria Garnier são anunciados *História de um homem* (1863), de Amédée Achard, *João Diabo* (1862) e *O rei dos mendigos* (1859), de Paul Féval, *A mão cortada* (1862), de Henri Rivière, e *Paulo e seu cão* (1858), de Paul de Kock.

### 3. CONCLUSÕES

Os catálogos de livreiros no interior de livros provaram-se ser uma riquíssima fonte de informações acerca não só de romances em circulação no século XIX, mas das relações dinâmicas entre os membros da comunidade leitora. A alta presença dessa tática publicitária demonstra o investimento dos livreiros-editores no sucesso de seus negócios e a veia mercantil que caracterizava o mercado livreiro Oitocentista.

Os dados recolhidos nessa fonte primária indicaram, por exemplo, as conexões existentes no comércio transatlântico de livros e a forte presença do Brasil na República Mundial das Letras. Nos portos brasileiros chegavam livros de todos os tipos e gostos, de diferentes partes do globo. Destacam-se, nesse contexto, os romances franceses, cuja supremacia é incontestável.

Também entendemos que os leitores brasileiros dos Oitocentos não eram reféns de uma produção literária estrangeira antiquada e retrógrada. Com uma diferença de poucos anos, estavam nas prateleiras dos principais editores do Brasil as traduções de muitas obras lidas pelos europeus. Se levarmos em conta o transporte marítimo, com os navios repletos de pacotes enfrentando todo tipo de adversidade no Atlântico, e o tempo da confecção da tradução, a diferença temporal soa ainda menor.

Ou seja, os livros à venda no século XIX no Brasil vão muito além do que hoje as histórias literárias indicam. Há romances que permanecem com o tempo, de mão em mão, reeditados e retraduzidos, que nunca saem do gosto do público leitor; e há, também, aqueles recém-saídos das prensas europeias, novidades em Paris e, ao mesmo tempo, no Rio de Janeiro. O mercado livreiro Oitocentista era dinâmico, rico, cheio de nuances e, principalmente, ia ao encontro dos gostos daquele capaz de fazer circular o capital: o leitor.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *A circulação de romances como problema para a história literária*. Trabalho apresentado à Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX, UNICAMP, 2012.

\_\_\_\_\_. *A circulação Transatlântica dos Impressos*. In: *Livro-Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, p. 115-127, v,1, n.1, São Paulo: 2011.

\_\_\_\_\_. *Os caminhos dos livros*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

BRAGANÇA, Aníbal. “Uma introdução à história editorial brasileira”, in *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. XIV, II série, 2002, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal).

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves & SILEM, Ahmed. *Passeurs culturels dans le monde des médias et de l'édition en Europe (XIX-XX<sup>e</sup> siècles)*. Lyon: Presses de l'ENSSIB, 2005.

DEAECTO, Marisa Midori. *O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo, SP: Editora da USP.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil*. In: ABREU, Márcia e BRAGANÇA Aníbal (orgs.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

GRANJA, Lucia. *Garnier no Brasil: esta história se faz com homens e livros*. Trabalho apresentado ao Colóquio “A circulação transnacional dos impressos – Conexões”, USP.

\_\_\_\_\_. *Rio - Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira chez Garnier*. Letras (UFSM), v. 47.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua História*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

LYONS, Martyn. *Les best-sellers*. In: CHARTIER, Roger & MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l'édition française*. Paris: Fayard / Promodis apud ABREU, Márcia. *A circulação de romances como problema para a história literária*. Trabalho apresentado à Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX, UNICAMP, 2012.

MODENEZ, Julio Cesar. *Por dentro dos livros: a presença de romances em catálogos de livreiros brasileiros (1843-1865)*. Monografia a ser apresentada ao Instituto de Estudos de Linguagem/Unicamp, 2013.

MOLLIER, Jean-Yves. *Sources et methodes en histoire du livre, de l'édition et de la lecture*. Trabalho apresentado à Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX, UNICAMP, 2012

QUEIROZ, Juliana Maia. *Em busca de romances: um passeio por um catálogo da Livraria Garnier*. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado das Leras, 2008.

## Sites

Brasíliana USP (<http://www.brasiliana.usp.br>)

Banco de Dados do Projeto “*A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*” (<http://www.iel.unicamp.br/projetos/circulacao/login.php>)

World Catalog (<http://www.worldcat.org>)